

Revisitações transformadoras

Elza Miné*

Resumo

Dentre os textos de imprensa de Eça de Queirós publicados na **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro (1880-1897) encontram-se quatro que, revisitados, transformados, mediante modificações autorais de vária ordem, e em vários níveis, irão integrar, “transmudados”, a **Correspondência de Fradique Mendes** e **Cartas inéditas de Fradique Mendes**. A presente comunicação prende-se ao exame da “Carta a Manuel”, de **Cartas inéditas de Fradique Mendes**, e da matéria antes publicada no jornal brasileiro em 2 de abril de 1893, com o título de “Tema para versos I”, tendo em vista a apreensão processual da transformação, bem como as implicações, em termos de produção textual, advindas da mudança de estatuto registrada.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Gênese textual; Reformulações transformadoras; Epistolografia.

Em julho de 2002, foi publicado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda de Lisboa, o volume **Textos de Imprensa IV** (da **Gazeta de Notícias**), no âmbito do projeto de edição crítica das obras de Eça de Queirós, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Reis e que enfeixa todos os textos jornalísticos enviados pelo autor à **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro, de 1880 a 1897. Tais colaborações foram publicadas em 116 números daquela folha carioca, constituindo 58 textos completos. Até hoje não localizados, os originais de tais textos consideram-se perdidos e, assim sendo, o que se publicou na **Gazeta de Notícias** constituiu o texto-base para o estabelecimento do texto crítico.¹ Note-se que, atendendo a um critério de gênero em que se baseia o projeto da edição, no referido volume, somente os textos de imprensa (e não os contos, capítulos de romances, cartas) foram considerados e recolhidos, constituindo-se numa apresentação integral e conjunta do que se pode considerar a obra jornalística de Eça de Quei-

* Universidade de São Paulo.

¹ Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. **Textos de Imprensa IV** (da **Gazeta de Notícias**), 2002.

rós, pensada e elaborada tendo em vista o público brasileiro, por meio de um mesmo e único veículo – a **Gazeta de Notícias**.²

Essas correspondências para o Brasil haviam sido reunidas em livro, postumamente, por Luís de Magalhães, sob diferentes títulos – **Cartas de Inglaterra** (1905), **Ecos de Paris** (1905), **Cartas familiares e bilhetes de Paris** (1907) e parte de **Notas contemporâneas** (1909). Luís de Magalhães, no entanto, não teve em conta, de modo rigoroso, a ordem cronológica de publicação das matérias na **Gazeta de Notícias**; por isso, na preparação da edição crítica, nosso primeiro cuidado foi apresentá-las em tal ordem, anotando rigorosamente data e espaço em que se inserem no jornal, assim como as respectivas rubricas, preenchendo também lacunas que se registraram em seu resgate.

Mas a realização desse trabalho forneceu-nos também elementos para, segundo a proposta deste simpósio – Intersecções Língua/Literatura – pensar a questão da produção textual, examinando um dos ramais trilhados por Eça de Queirós no percurso da construção do texto. Procurarei, então, entrar nos seus “bastidores”, com o intuito de flagrar estratégias para tal mobilizadas, ou seja, apreender possíveis móveis e modos do que aqui chamamos de “revisitação transformadora”.

DA GAZETA PARA OUTROS TEXTOS: TRANSMUTAÇÕES

Dentre as 58 matérias jornalísticas de Eça, antes referidas, encontram-se quatro que diretamente nos sugerem observações a esse respeito, numa mesma direção.

Três delas, que hoje integram a edição crítica na sua forma original de textos de imprensa, haviam ficado fora do resgate realizado por Luís de Magalhães, tendo tido sua exclusão reiterada na edição de *Livros do Brasil*, de 1970, de responsabilidade de Helena Cidade Moura.

Trata-se de dois textos de 1892: um, publicado no “Suplemento Literário” da **Gazeta**, de que Eça é o responsável, “Padre Salgueiro” (13 de junho), e outro, “Quinta de Frades” (27 de julho); trata-se, ainda, de um outro, de 1894: “Tema para Versos I”, publicado a 2 de abril desse ano. São eles que, mediante modificações autorais de vária ordem, irão transformar-se em cartas de Fradique Mendes,

² Estivemos sempre conscientes, como adverte Tavani, de que a restituição do texto apresentada “no puede ser sino hipotética, y conformarse con lo irremediable de la situación”. Seguindo seu conselho, procuramos fazer todo o possível para “depurar por lo menos el texto de los errores de imprenta más visibles y de las incongruencias micro-textuales no atribuibles a particularidades del estilo del autor” (TAVANI, 1988, p. 69).

a saber: as “Cartas XII e XIV, a Mme. de Jouarre”, e a “Carta a Manuel”, esta última publicada apenas em **Cartas Inéditas de Fradique Mendes**, último volume da obra póstuma organizada por José Maria, filho de Eça e publicada no Porto, em 1929. Junte-se a estes casos, o da “Carta a Bento de S.”, que provém de matéria publicada sem título na coluna “Ecos de Paris”, da **Gazeta**, nos dias 26, 27 e 28 de abril de 1894, e a que Luís de Magalhães intitulou: “Outra bomba anarquista; o Sr. Brunetière e a imprensa”, como já tive ocasião de demonstrar em outro lugar (MINÉ, 2000, p. 91-107).

Estas quatro cartas de Fradique Mendes têm portanto em comum o fato de terem constituído, antes, textos de imprensa independentes, enviados por Eça de Queirós para o Rio e publicados na **Gazeta de Notícias**.

Se, de um lado, estas revisitações transformadoras nos permitem aventar possíveis motivos para a escolha destes textos jornalísticos dentre os 58 publicados na **Gazeta** para que revisitados, transmudados, passassem a constituir cartas de Fradique Mendes, de outro, mediante o cotejo dos textos de imprensa mencionados com as cartas que deles decorrem, podemos observar os diferentes tipos de transformações sofridas por estes textos, antes dados como acabados, ao adquirirem o estatuto epistolográfico.

A ESCOLHA

1888 é o ano em que Fradique Mendes, não aquele antes criado coletivamente na Travessa do Guarda-mor (Antero, Eça e Batalha Reis), mas um novo, agora sob inteira responsabilidade de Eça de Queirós, faz sua aparição na imprensa de Portugal e do Brasil. Com pequeníssimas diferenças de data, **O Repórter**, de Lisboa, então dirigido por Oliveira Martins, e a **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro revelaram-no, assim, simultaneamente, aos públicos dos dois lados do Atlântico.

Efetivamente, em agosto e setembro, aquele jornal brasileiro publica: “Notas e recordações I – IV” (que depois, com alterações, serão as “Memórias e Notas”) e as três primeiras cartas que hoje integram o volume **Correspondência de Fradique Mendes**.³

Três anos antes, no entanto, em 10 de junho de 1885, em carta a Oliveira Martins, que então estava no jornal **A Província**, do Porto, Eça expusera a idéia de publicar uma série de cartas

³ **O Repórter** publicará apenas o material relativo à “biografia” de Fradique nos dias: 7 ago.; 30 ago.; 6, 13 e 20 set.; 4 out.

sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes!* Não te lembras dele? Pergunta ao Antero. Ele conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *diletante* e voluptuoso, este *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a idéia de recolher a sua correspondência (...) com toda a sorte de gentes várias. (**Correspondência**, v. 1, p. 263)

A aludida pluralidade de assuntos será distribuída por diferentes destinatários, que desempenham uma função específica – a de determinar o campo temático a abordar”,⁴ cumprindo o papel de canalizar a intenção manifesta deste segundo Fradique “de exprimir as suas opiniões e fazer as análises das mais diversas situações” (SIMÕES, *op. cit.*, p. 24), fazendo aflorar “um conjunto de valores estéticos e de convicções existenciais”, por ele simbolizados, e implicando “a elaboração de uma nova poética, da parte de Eça”, como aponta Ana Nascimento Piedade (2003, p. 294), em alentado estudo, publicado em junho deste ano.

Ora os quatro textos, em sua forma primitiva de textos jornalísticos, apresentavam uma reflexão crítica, ou uma caracterização ajuizadora: sobre a imprensa e a prática jornalística (“O Sr. Brunetière e a imprensa”), sobre o clero (“Padre Salgueiro”), sobre a vida no campo (“Quinta de frades”). Em “Temas para versos I”, como numa espécie de manifesto, compareciam considerações sobre a poesia, o versejar, sugerindo-nos aproximações com outros textos de reflexão estético-literária do autor, como o prefácio a **Azulejos**, do conde de Arnoso, as cartas “A A...” e “A E...” das **Cartas inéditas de Fradique Mendes**, ou ao conhecido texto “Positivismo e idealismo”, publicado na **Gazeta** em julho de 1893. Importante é frisar que nesses quatro casos, claramente se estabelece um vínculo natural com Fradique, personagem.

Tenha-se ainda em conta que, em 1893, os artigos enviados para o Brasil têm, durante todo o primeiro semestre desse ano, um cunho marcadamente ensaístico, descompromissados de uma ancoragem direta na realidade circundante, espacial e temporalmente. É esse o tempo de publicação de textos como “Tema para versos I e II”, “Cozinha Arqueológica”, “As rosas”, e o já referido “Positivismo e idealismo”.

Por isso mesmo, nada mais natural que para a elaboração de cartas de Fradique ocorresse a Eça visitar textos de imprensa que, pelos temas e modo com que se encontravam tratados, se caracterizassem, enquanto forma discursiva, pela

⁴ “Assim, a Eduardo Prado, brasileiro, Fradique vai falar sobre história política; a Ramalho Ortigão, crítico literário e social, Fradique conta um caso-tipo da sociedade contemporânea, etc.”. A autora chama também nossa atenção para o fato de que “no caso de Mme. de Jouarre, o cronótopo do destinador é que determina o tema” (SIMÕES, s/d, p. 23-24)

predominância do comentário, relativamente ao relato. E que a seleção, com vistas a um “reaproveitamento”, ou transmutação criadora – talvez até mesmo motivado pela constante pressão dos editores para que concluísse a **Correspondência de Fradique Mendes** –, incidisse sobre aqueles que pudessem mais facilmente funcionar, de acordo com o projeto geral da obra, como manifestações de opinião de Fradique.

A REVISITAÇÃO AUTORAL TRANSFORMADORA

Já procurei mostrar, em outro lugar (MINÉ, 2000, p. 91-107 e 119-137), como para constituir em cartas de Fradique o que antes fora textos de imprensa, Eça atuou sobre estes mediante intervenções autorais de vária ordem. Não tinha antes me detido na “Carta a Manuel”, de que hoje especificamente me ocuparei e de que nos ficaram, no espólio de Eça de Queirós, as 7 fls. manuscritas da parte introdutória, mais adiante reproduzida.

Como ocorreu com as outras três cartas mencionadas, na “Carta a Manuel”, as intervenções registradas decorrem de um processo de releitura de um texto completo, previamente escrito e considerado terminado (publicado, inclusive), releitura que dita um reaproveitamento a que corresponde um novo texto, ou seja, um novo texto se produz. Nessas quatro cartas, um ou mais períodos iniciais e introdutórios são criados, para que um destinatário se veja instituído e a comunicação concretamente se contextualize. No caso da “Carta a Manuel”, como veremos a seguir, estes parágrafos se alongam mais e, além de desempenharem essa função pragmática mencionada, atuam também como introdução alargada ao corpo da carta, ou seja, ao texto “importado” do jornal, com as respectivas modificações.

Simetricamente ao novo início, cria-se um fecho, nos moldes de qualquer produção epistolográfica. Note-se, no caso que estamos examinando, que a forma de despedida da praxe, para pessoas cujo tratamento íntimo era – “Teu do coração” (muito em voga na época) – aparece remotivada: “Tio do coração”.

Observe-se, ainda, que também nesse caso se mantém inalterada a macroestrutura da crônica jornalística. Já as intervenções funcionais correntes no processo de escrita: substituições, supressões, acréscimos, deslocamentos, modificações morfo-sintáticas exigidas pelas alterações feitas, são muito escassas, o que não ocorre nos outros três casos, em que são abundantes e intensas. No caso da “Carta a Manuel” há praticamente uma colagem de textos, registrando-se pequeníssimas alterações no interior da parte “importada” da **Gazeta**. Devem-se estas, em sua maioria, a alterações comandadas pela preocupação estilística, preocupa-

ção esta já devidamente assinalada e analisada por Luís Fagundes Duarte em seu trabalho pioneiro sobre a correção estilística de Eça na **Tragédia da rua das Flores**, trabalho este em que, através do “estudo da quantidade, da qualidade e das características gerais das correções” pôde, segundo ele mesmo afirma, “detectar e de certo modo compreender os hábitos enunciativos do escritor, bem como a existência de linhas de força determinantes na construção do texto” que, no caso, chamou de a “gênese de um romance adiado” (DUARTE, 1993, p. 14).

Apresentamos, a seguir, dispostos lado a lado, o texto da **Gazeta** e a carta de Fradique, nela destacando, com o uso de itálico, as modificações ou acréscimos e assinalando, no texto de imprensa, com o mesmo recurso, os lugares que correspondem a tais modificações.

Cartas inéditas de Fradique Mendes

Gazeta de Notícias, 2 de Abril de 1893

Carta a Manuel

Tema para versos I

Meu bom sobrinho Manuel.

I

Desde que há homens e desde que há cartas, nunca homem recebeu carta mais tocante, e mais exigente, e mais absurda, do que esta de 22 Março com que me honras, e me aterras, e me divertes! “Para um livro de versos que eu determinei compor, enquanto Deus compõe esta sua Primavera, que devo eu escolher: os temas do Amor, os da Natureza, os da Filosofia ou os da História?...”

Oh! Meu sobrinho Manuel, tu queres pois que eu, à maneira dum douto bardo de barbas nevadas e coroa de louros secos, te leve pela mão através das veredas aromáticas do Parnaso e, com o meu velho bordão feito de carvalho délfico, te aponte, além sob as frondes, a fria fonte Castália onde mais convém que te agaches e bebas?

Poeta te sentes, meu enganado Manuel! Poeta te queres, meu temerário Manuel! E vens agora com a tua lira nova, comprada esta manhã junto à Via Sacra, nos Armazens de Apolo, para que, ambos reclinados sob a olaia, eu te guie os dedos tenros sobre as cordas de tripa e de bronze, e te ensine os cantos que encantam...

Mas, meu doce Manuel, porque te não dirigiste tu aos quatro nobres, e clássicos, e argutos mestres que têm cátedra e aula aberta nos cimos do Pindo – Aristóteles, Horácio, Pope e Boileau?

As quatro Artes Poéticas desses quatro

legisladores da Poesia andam hoje reunidas, comodamente, num volume brochado (de 3 francos e 50) que, sendo um Código e também um Receituário, fornece abundante ensino a toda a alma, dos Açores ou mesmo do Continente, que sinta tendências culpadas para o Verso. Porque não te provês tu desse volume disciplinar e fecundante? Com ele, um dicionário de rimas, um bule de café, cigarros, vagares e papel, tu poderás, como tantos outros poetas espalhados por essas grutas frescas do Parnaso, fabricar ressoantes alexandrinos à Hugo, lavradas e lustosas peças parnasianas, églogas bernárdicas dum quinhentismo que lindamente cheire a mofo, e mesmo esses exercícios léxicos e gramaticais, chamados Decadismo e Simbolismo, que constituem um método Ollendorf para aprender a delirar sem mestre.

Todavia, meu doce sobrinho Manuel, não esqueço que tua mãe, a minha boa prima Luiza, quando eu era pequeno e desejava percorrer o mundo num grande cavalo, à maneira de Roldão ou de Percival, me deu um burro, um lindo burro branco, com selim, e freio, e chicote! E agora que tu, filho da prima Luiza, aspiras a galopar por um mundo ainda mais vasto e obscuro do que o meu, o da Poesia, é de boa gratidão, me parece, que eu te forneça também um Pégaso, e to enfreie, e to amanse, e sobre ele te escarranche, e com uma vergasta de louro o vá vergastando e levando, como teu fiel burriqueiro, por esta serra difícil do Ideal!

Sobrinho Manuel, um amigo meu, que depois de ser, durante anos, um mau poeta, se arrependeu e se tornou um bom crítico, costumava sempre, com a sua autoridade de antigo mareante experiente em escolhos e naufrágios, aconselhar os poetas novos a que procurassem os temas e motivos dos seus poemas fora do próprio e estreito coração, e das duas ou três palpitações que nele monotonamente se repetem. Eu pertenço à escola deste homem sagaz – e para mim também, essa poesia chamada “subjetiva”, que vive aninhada nas saias de Elvira, e que arrulha sem cessar, no jornal e no livro, as suas gárrulas confidências de amor (ou antes de namoro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais viril, mais humana, que se desaninhe das saias

Um amigo meu, que depois de ser, durante anos, um mau poeta, se regenerou, e se tornou um bom crítico, costuma sempre com a sua autoridade de antigo mareante experiente em escolhos e naufrágios, aconselhar os poetas novos a que procurem os temas e motivos dos seus poemas fora do próprio e estreito coração, e das duas ou três palpitações que nele perpetuamente se repetem. Eu pertenço à escola deste homem sagaz e também penso que essa poesia, chamada “subjetiva”, que vive aninhada nas saias de Elvira, e que arrulha sem cessar, no jornal e no livro, as suas gárrulas e alardeadoras confidências de amor (ou antes de namoro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais *sã*, mais humana, que se desaninhe das saias já en-

as já enxovalhadas da sua eterna dama, e lance o voo livre e *largo* através do mundo e da vida.

O amor (como *ensinava* o meu amigo) é certamente uma força – e mesmo a maior *força* deste pobre universo que dele vive e por ele se equilibra – e a notação, em boa rima, de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova, constitui sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado, os versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem o verbo que lho vivifique, lhes dê a consoladora certeza da sua realidade, – e que precisam portanto ver expressas, formuladas, sonoras, quase visíveis, as cousas indefinidas que lhes tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.

Mas a não ser nestes dois casos em que o poeta tenha descoberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita, ou que tenha conseguido exprimir, com uma nitidez gráfica *excepcional* algum sutil estado de alma até aí inexprimível, ele deveria (pelo menos enquanto durar este século saciado *de* lirismo sentimental) conservar os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou, ao lado das flores murchas, das *madeixas* de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de todas as outras relíquias *da* mocidade que aos trinta anos se atiram ao lume. De outro modo, se os poetas insistirem em anunciar cada semana, com lábio trêmulo, nos jornais ou nos volumes a 600rs., que amam Laura e que a apertaram nos braços, e que os veludos da alcova pendiam em pregas moles – esta geração ocupada, positiva, inteligente, e só seduzida pelas cousas da inteligência, fugirá deles, desesperadamente, como se foge de tudo *o que* arrepiava ou enerva, *dum* realejo, *duma* serra a serrar pedra ou *dum* canário mecânico, envernizado de amarelo, com corda para 24 horas! Para que a poesia guarde a sua clientela de espíritos, é necessário que contenha em si toda a “humanidade” – e não somente a “feminilidade” da vizinha que sorri além, à janela...

xovalhadas da sua eterna dama, e lance o voo livre através do mundo e da vida.

O amor, como *diz* o meu amigo, é certamente uma força, e mesmo a maior deste pobre universo que dele vive e por ele se equilibra: e a notação em boa rima de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova constitui sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado, versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem o verbo que lho vivifique, lhes dê a consoladora certeza da sua realidade, – e que precisam portanto ver expressas, formuladas, sonoras, quase visíveis, as cousas indefinidas que lhe tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.

Mas a não ser nestes dois casos em que o poeta tenha descoberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita; ou que tenha conseguido exprimir, com uma nitidez gráfica, algum sutil estado de alma até aí inexprimível, ele deveria (pelo menos enquanto durar este século saciado *do* lirismo sentimental) conservar os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou, ao lado das flores murchas, das *mechas* de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de todas as outras relíquias *de* mocidade, que aos trinta anos se atiram ao lume. De outro modo, se os poetas insistirem em anunciar cada semana, com lábio trêmulo, nos jornais ou nos volumes a 600rs., que amam Laura e que a apertaram nos braços, e que os veludos da alcova pendiam em pregas moles – esta geração ocupada, positiva, inteligente, e só seduzida pelas cousas da inteligência, fugirá deles desesperadamente como se foge de tudo *quanto* arrepiava ou enerva, *um* realejo, *uma* serra a serrar pedra ou *um* canário mecânico, envernizado de amarelo, com corda para 24 horas! Para que a poesia guarde a sua clientela de espíritos, é necessário que contenha em si toda a “humanidade” – e não somente a “feminidade” da vizinha que sorri além, à janela.

Tudo isto, que *afirmava* o meu amigo, com aquela irremediável confusão que lhe *ficara* dos hábitos do verso, é verídico. A poesia não se inventou para cantar o Amor – que de resto não existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração ou captação da divindade e a estabilidade social eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: – e a Poesia tendeu sempre, e tenderá constantemente a resumir, nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens. Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o Amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro de cada *Francesca*. Mas o Amor é um sentimento extremamente raro entre raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Julietas (para citar só este casal clássico), já não se repetem, nem são quase possíveis nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem estar, céticas, portanto egoístas, e movidas *pelo vapor e pela eletricidade*. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua *força* primitiva e dominante, a paixão das raças novas, se descobrem logo fatores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais aqueles que mais caracterizam o nosso tempo: o interesse e a vaidade. Nestas condições, o Amor que voltou a ser, como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiano aqui e além um prazer fugitivo – é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política... É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as idéias, os interesses que prendem. “Já não há hoje nada de produtivo a fazer? Já não há nada de sério *em que* pensar?... Bem! Então, um pouco de perfume nas mãos, e abra-se a porta ao Amor que espera!” A isto está reduzida a Vênus fatal e vencedora!

Ora quando uma arte teima em exprimir unicamente um sentimento que se tor-

Tudo isto, que *afirma* o meu amigo, com aquela irremediável confusão que lhe *ficou* dos hábitos do verso, é verídico. A poesia não se inventou para cantar o Amor – que de resto não existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração, ou captação da divindade, e a estabilidade social eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: – e a Poesia tendeu sempre e tenderá constantemente a resumir nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens. Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o Amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro de cada *Francisco*. Mas o Amor é um sentimento extremamente raro entre raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Julietas (para citar só este casal clássico), já não se repetem, nem são quase possíveis, nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem estar, céticas, portanto egoístas, e movidas *por meio do vapor e da eletricidade*. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua primitiva e dominante *força*, a paixão das raças novas, se descobrem logo fatores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais aqueles que mais caracterizam o nosso tempo, o interesse e a vaidade. Nestas condições o Amor que voltou a ser como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiano aqui e além um prazer fugitivo – é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política... É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as idéias, os interesses que prendem. Já não há hoje nada de produtivo a fazer? Já não há nada de sério *a* pensar?... Bem! Então, um pouco de perfume nas mãos, e abra-se a porta ao Amor que espera! A isto está reduzida a Vênus fatal e vencedora!

Ora quando uma arte teima em exprimir unicamente um sentimento que se tor-

nou secundário nas preocupações do homem – ela própria se torna secundária, pouco atendida e perde *a pouco e pouco* a simpatia das inteligências. Por isso hoje, tão tenazmente, os editores se recusam a editar, e os leitores se recusam a ler, versos em que só se cante de amor e de rosas. E o artista que não quer ser uma voz clamando no deserto e um papel apodrecendo no armazém, *começa a evitar* o Amor como tema essencial da sua obra. A glória de Zola vem sobretudo da universalidade e modernidade dos seus assuntos, – a terra, o dinheiro, o comércio, a política, a guerra, a religião, as grandes indústrias, a ciência – que são os fatos supremos que interessam o homem culto.

Aqueles que, como Feuillet e Sandeau e tantos outros, só *sabiam contar*, com pena enternecida e graciosa, histórias de amor, e em que o amor era o centro e o motor único da vida, estão abandonados, comidos humilhantemente pelos ratos nos subterrâneos dos livreiros.

Nem mesmo as mulheres lêem já hoje versos de amor – que de resto não apreciaram, em tempo algum, porque nunca uma mulher gostou de ver outra coroadada e idealizada! E além disso nem elas, nem ninguém, por mais simples, acreditam na sinceridade dos poemas amorosos. Todos sabemos que eles são meros exercícios de literatura, compostos pacientemente, friamente, de chinelos, com um dicionário de rimas. Nos primeiros anos do século, o poeta que penetrava no “comércio das Musas” começava por compor laboriosamente, e folheando os bons modelos, uma Epístola em que celebrava a felicidade de viver nos campos, um Madrigal em que cobria uma pastora de aljôfares e nardo, ou um Ditirambo, um pouco desgrenhado, em que erguia a taça de vinho rubro e gritava “Evohé!...” Este homem excelente não conhecia pastoras, nem bosques, e vivia comedidamente no terceiro andar de uma rua estreita, frequentando o botequim vizinho onde se alagava de orchata.

A orgia báquica, os cordeiros e o surrão, o seu amor da paz silvana, eram meramente nele temas recomendados pela arte poética. Hoje, essa poesia bucólica ou diti-

nou secundário nas preocupações do homem – ela própria se torna secundária, pouco atendida, e perde *pouco a pouco* a simpatia das inteligências. Por isso hoje, tão tenazmente os editores se recusam a editar, e os leitores se recusam a ler, versos em que só se cante de amor e de rosas. E o artista que não quer ser uma voz clamando no deserto e um papel apodrecendo no armazém, *evita já* o Amor, como tema essencial da sua obra. A glória de Zola vem sobretudo da universalidade e modernidade dos seus assuntos, – a terra, o dinheiro, o comércio, a política, a guerra, a religião, as grandes indústrias, e a ciência – que são os fatos supremos que interessam o homem culto.

Aqueles que, como Feuillet e Sandeau, tantos outros, só *sonhavam cantar*, com pena enternecida e graciosa, histórias de amor, e em que o amor era o centro e o motor único da vida, estão abandonados, comidos humilhantemente pelos ratos, nos subterrâneos dos livreiros.

Nem mesmo as mulheres lêem já hoje versos de amor – que de resto não apreciaram, em tempo algum, porque nunca uma mulher gostou de ver outra coroadada e idealizada. E além disso nem elas, nem ninguém por mais simples, acreditam na sinceridade dos poemas amorosos. Todos sabemos que eles são meros exercícios de literatura, compostos pacientemente, friamente, de chinelos, com um dicionário de rimas. Nos primeiros anos do século, o poeta que penetrava no “comércio das Musas” começava por compor laboriosamente, e folheando os bons modelos, uma Epístola em que celebrava a felicidade de viver nos campos, um Madrigal em que cobria uma pastora de aljôfares e nardo, ou um Ditirambo, um pouco desgrenhado em que erguia a taça de vinho rubro e gritava “Evohé!...” Este homem excelente não conhecia pastoras, nem bosques, e vivia comedidamente no terceiro andar de uma rua estreita, frequentando o botequim vizinho onde se alagava de orchata.

A orgia báquica, os cordeiros e o surrão, o seu amor da paz silvana, eram meramente nele temas recomendados pela arte poética. Hoje essa poesia bucólica ou diti-

râmbica passou com os calções e com os espadins. O romantismo criou outra retórica. E o poeta que principia, em lugar de se mostrar ao leitor, em rimas castigadas, “pastoril e bêbado” como o seu antecessor que ainda estudava Horácio – mostra-se agora, com a mesma tranquilidade, mas com as fórmulas que herdou de Musset, “apaixonado e dolorido”. A dor e a paixão, porém, são no digno moço tão postiças e tão laboriosamente trabalhadas como eram o bucolismo, o patriotismo e o fervor órgico do seu confrade de 1810.

Desta escandalosa insinceridade provém o descrédito do lirismo. Mas, mesmo quando seja sincero, quando brote de uma emoção pura, que interesse nos poderá causar o livro em que o Sr. Fulano ou o Sr. Sicrano, que nós não conhecemos, nos vem revelar os êxtases e os tormentos que se debatem no seu peito? Um tal poema deveria ser reservado para os íntimos. Há desde logo um grave impudor em fazer assim do nosso coração uma tiragem de quinhentos volumes, para o vender, palpitante e sangrando, nos balcões das lojas. E há ainda uma intolerável impertinência da parte do Sr. Fulano, em nos deter no nosso caminho apressado, para nos gritar, entre suspiros, que ela é formosa e que os seus beijos sabem a mel! – É formosa? Sabe a mel? Bom proveito para si, estimável senhor! Mas que me *importa isso* a mim, que vou vivamente levado pela minha idéia, pelo meu trabalho, pelo meu negócio ou pelo meu prazer?

A poesia, se quiser *prender* ainda a nossa atenção, neste momento justamente em que ela atingiu a sua máxima habilidade técnica, necessita abandonar essa alcova em que se enerva e se esteriliza, e de que nós conhecemos, até à saciedade, e pela sua indiscrição, todos os lânguidos escaninhos. Fora dessa sombra mole não lhe faltam os belos temas – e aí tem a História, a lenda e as religiões, e os costumes, e a vida ambiente, que lhe fornecem correntes de inspiração onde ela pode beber mais profundamente que em nenhuma das Castálias passadas. A sua lira, manejada por tão hábeis artistas, nestes últimos trinta anos, está superiormente afinada, desde as cordas de

râmbica passou com os calções e com os espadins. O romantismo criou outra retórica. E o poeta que principia, em lugar de se mostrar ao leitor, em rimas castigadas, “pastoril e bêbado” como o seu antecessor que ainda estudava Horácio – mostra-se agora, com a mesma tranquilidade, mas com as fórmulas que herdou de Musset, “apaixonado e dolorido”. A dor e a paixão, porém, são no digno moço tão postiças, e tão laboriosamente trabalhadas como eram o bucolismo, o patriotismo e o fervor órgico do seu confrade de 1810.

Desta escandalosa insinceridade provém o descrédito do lirismo. Mas, mesmo quando seja sincero, quando brote de uma emoção pura, que interesse nos poderá jamais causar o livro em que o Sr. Fulano ou o Sr. Sicrano, que nós não conhecemos, nos vem revelar os êxtases e os tormentos que se debatem no seu peito? Um tal poema deveria ser reservado para os íntimos. Há desde logo um grave impudor em fazer assim do nosso coração uma tiragem de quinhentos volumes, para o vender, palpitante e sangrando, nos balcões das lojas. E há ainda uma intolerável impertinência da parte do Sr. Fulano, em nos deter no nosso caminho apressado para nos gritar, entre suspiros que ela é formosa e que os seus beijos sabem a mel! É formosa? Sabe a mel? Bom proveito para si, estimável senhor. Mas que me *importa a* mim, que vou vivamente levado pela minha idéia, pelo meu trabalho, pelo meu negócio ou pelo meu prazer?

A poesia, se quiser *gozar* ainda a nossa atenção, neste momento justamente em que ela atingiu a sua máxima habilidade técnica, necessita abandonar essa alcova em que se enerva e se esteriliza, e de que nós conhecemos, até à saciedade, e pela sua indiscrição, todos os lânguidos escaninhos. Fora dessa sombra mole não lhe faltam os belos temas – e aí tem a História, a lenda e as religiões, e os costumes, e a vida ambiente, que lhe fornecem correntes de inspiração onde ela pode beber mais profundamente que em nenhuma das Castálias passadas. A sua lira, manejada por tão hábeis artistas, nestes últimos trinta anos, está superiormente afinada desde as cordas de

nervo até às cordas de bronze, e não há som, por mais delicado ou por mais estridente que ela não saiba despedir, com precisão e com brilho. O homem tem a insaciável necessidade de se conhecer – e quantas formas, infinitamente *variadas*, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, não há aí, no presente e através do passado, dignas de serem *fixadas*, para que ele as bendiga ou as maldiga, nessa divina linguagem do verso, a única que verdadeiramente penetra na alma e nela sabe gravar perduravelmente o amor do que é grande, o desdém do que é baixo... Que o poeta se despegue, pois, corajosamente da alcova, e mesmo da porta da sua bem-amada, e, com a lira à cinta, como os rapsodos de outrora, percorra o mundo escutando histórias, para as contar depois em ritmos de ouro!

Justamente, estas considerações, que não são de crítica, e apenas lançadas tumultuária e familiarmente em cavaqueira amável, as *formulei* eu porque conheço uma ou duas histórias que bem mereciam, pela sua beleza moral, ser perpetuadas em versos ricos. E como *as minhas histórias não são* de amor, procedi logo à maneira daquele mercador da lenda que, quando trazia armas *para* vender, clamava na praça contra a paz que debilita as almas – e quando seus fardos só continham sedas e perfumes, erguia imprecizações contra a guerra que asselva e desmancha os lares.

Mas quê! Em lugar de contar a minha história, para que *tu, meu gentil poeta a cinzeles* num *poema alado*, gastei o meu papel professorando doutrinas, e *enfeitando-as* de buxo e louro, com esta loquacidade divagadora da nossa raça, que tanto mal nos *tem feito* nas letras e na causa pública. Que remédio? *Somos Latinos* e temos em nós, hereditariamente e irreparavelmente, toda a secular tagarelice do **Forum Romanum**.

Tio do coração – Fradique

nervo até às cordas de bronze, e não há som, por mais delicado ou por mais estridente que ela não saiba despedir, com precisão e com brilho. O homem tem a insaciável necessidade de se conhecer – e quantas formas, infinitamente *várias*, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, não há aí, no presente e através do passado, dignas de serem *afixadas*, para que ele as bendiga ou as maldiga, nessa divina linguagem do verso, que é a única que verdadeiramente penetra na alma e se ele sabe gravar perduravelmente o amor do que é grande, o desdém do que é baixo... Que o poeta se despegue, pois, corajosamente da alcova, e mesmo da porta da sua bem-amada, e, com a lira à cinta, como os rapsodos de outrora, percorra o mundo escutando histórias, para as contar depois em ritmos de ouro!

Justamente estas considerações que não são de crítica, e apenas lançadas tumultuária e familiarmente, em cavaqueira amável, as *acarretei* eu, porque conheço uma ou duas histórias, que bem mereciam pela sua beleza moral, ser perpetuadas em versos ricos. E como *a minha história não é* de amor, procedi logo, à maneira daquele mercador da lenda que, quando trazia armas *a* vender, clamava na praça contra a paz que debilita as almas – e quando seus fardos só continham sedas e perfumes, erguia imprecizações contra a guerra que asselva e desmancha os lares.

Mas quê! Em lugar de contar a minha história, para que *algum poeta a cinzele* num *gentil poema*, gastei o meu papel professorando doutrinas, e *enfeitando* de buxo e louro *as minhas doutrinas*, com esta loquacidade divagadora da nossa raça que tanto mal nos *causa* nas letras e na causa pública. Que remédio? *Nós somos Latinos e Godos*. E temos em nós hereditariamente e irreparavelmente toda a secular tagarelice do **Forum Romanum**, e *ainda aquela gralhada vã, que, misturada ao chiar dos carros lentos, anunciava outrora de longe, ao pobre Ibero, que os Godos vinham descendo*.

A RECOLHA EDITORIAL MUTILADORA

Todo o corpo central da carta “IV. A Manuel”, foi publicado, como já se disse, em 2 de abril de 1893 na **Gazeta de Notícias**, como um texto de caráter ensaístico sobre a “arte poética”, sob o título “Tema para versos I”. O conjunto de afirmações que o constituem vê-se completado em “Tema para versos II” (3 de abril de 1893) que, enquanto continuação da matéria publicada na véspera, com uma pequena introdução e conclusão a estabelecerem claramente uma articulação, traz ainda uma narrativa breve como exemplificação das colocações teórico-literárias antes enunciadas. Reiteramos que Eça, para a elaboração da “Carta a Manuel” apenas lançou mão de “Tema para versos I”.

Ora, Luís de Magalhães, ao preparar postumamente o volume **Contos** (1902) recolheu unicamente a parte narrativa de “Tema para versos II”, inventando o título “A aia”, que todos conhecemos, deixando totalmente de lado “Tema para versos I” e eliminando as primeiras linhas, constantes da edição da **Gazeta de Notícias** de 3 de Abril de 1893 (“Tema para versos II”):

A história que eu, há dias, desejava contar para que algum poeta, amigo dos temas fecundos e estimuladores do pensamento, a compusesse em versos ricos (e que não contei por me ter demorado a construir diante dela um pórtico de considerações gerais) sucedeu na Índia. A Índia, terra das pedrarias, das galas e dos céus suntuosos, sugere logo a um artista largos desenvolvimentos decorativos.

Mas a minha história necessita ser apresentada com toda a simplicidade na sua nudez moral, sem paisagens, arquiteturas ou trajes que a materializem.

O poeta que, por ela se passar na Índia, a orne de palmeiras, elefantes e bayaderas, corre a um desastre certo. Sem época, sem nomes, sem localizações que se possam verificar num mapa, abstrata e como acontecida no país das almas, esta história de uma alma, que se dirige só à alma, deve vir envolta em tão pouca literatura como aquelas que o Povo, na sua singeleza genial, torna profundamente vivas e imoventes, afirmando apenas, com magnífica indiferença pelas épocas, pelas nações e pelos costumes – “que era uma vez um Rei”...

Elimina também o parágrafo final de “Tema para versos II”:

Eis a minha história. Ou antes, eis o rude esboço de uma maravilhosa lenda de alma. Tão bela, que me pareceu que só poderia ser dignamente cantada ao som da lira. Aos poetas a ofereço. E aquele que com ela se tentar, se não fizer uma obra de arte, fará pelo menos uma obra de justiça popularizando esta pobre serva índia tão ignorada e tão sublime.

Luís de Magalhães, na recolha que fez dos textos jornalísticos do Autor, nos volumes anteriormente mencionados, eliminou “Tema para versos I e II”. As edições subseqüentes em nada alteraram essa forma de transmissão mutiladora. Somente em 1989, na sua edição de **Contos** (Lisboa, D. Quixote) Luís Fagundes

Duarte publica os textos I e II conjuntamente, reproduzindo-os a partir da **Gazeta de Notícias** e retomando o título original (“Tema para versos”).⁵

Não obstante o critério de gênero que orienta a Edição crítica das Obras de Eça de Queirós, incluímos no volume **Textos de Imprensa IV** (da **Gazeta de Notícias**) as duas partes de “Temas para versos”, por entendermos que a narrativa constante da parte II foi pensada, composta e publicada enquanto complementação exemplificadora do texto de cariz teorizante da parte I.

Como se vê, estamos diante de um caso muito curioso de dupla revisitação transformadora, de que resultaram produções textuais diversificadas. A primeira, autoral, opera a transmutação da parte ensaística da colaboração enviada para a **Gazeta**, em carta de Fradique Mendes. A segunda, editorial e manipuladora (Luís de Magalhães) submete a cortes, impunemente, um texto de Eça, com vistas a sua recolha em livro, como conto.

No primeiro caso, guardadas as devidas proporções e diferenças estéticas de enunciador, entramos em contacto com um procedimento que hoje, mais do que nunca, é familiar a todos nós, com as facilidades oferecidas pelo recorte e cola do computador, e que, tantas vezes, nos apanha em armadilhas por nos distrairmos e não fazermos integralmente modificações exigidas pelos deslocamentos, cortes e suturas. Mas temos, sobretudo, a oportunidade de ver, de um lado, como Eça realizou essas transmutações, em perfeita consonância com a propensão dialogante e estética de seu personagem Fradique. De outro, lembrando-nos que reformulações consistem, sobretudo, em reorganizações locais extremamente limitadas ao texto, relativas a pontuação, ordem das palavras, construções sintáticas, escolha de termos gramaticais e de termos lexicais, o levantamento e a análise conjunta dessas intervenções autorais (nas quatro cartas mencionadas), nos permitirá propor um desenho geral da reformulação nesta circunstância precisa: a da transmutação de crônicas jornalísticas em cartas ficcionais (Fradique Mendes).

Luís Fagundes Duarte, editor crítico de **A Capital!** preconiza, metodologicamente, com vistas à definição da matriz estilística do autor: marcar os níveis e momentos de todas as transformações textuais; estabelecer a frequência dos diferentes tipos de correção (substituição, supressão, acréscimo, deslocamento); classificar os materiais envolvidos em cada transformação (classes gramaticais, estruturas lingüísticas). Tais operações, realizadas sistematicamente trariam como

⁵ Beatriz Berrini, na edição da **Obra completa** do autor para a Nova Aguilar, 1997, nos **Contos** (v. 2), conserva o título “A Aia” e transcreve, integralmente, apenas o correspondente a “Tema para versos II”, explicando: “Omitiu-se a primeira parte do texto, que foi posteriormente reescrita pelo autor, por ter passado a integrar a Correspondência de Fradique Mendes (Carta a Manuel)” (EÇA DE QUEIRÓS, 1997, p. 1.525).

conseqüência o fornecimento de dados para a definição cada vez mais precisa do *usus scribendi*, da gramática estilística de Eça de Queirós.

Do ângulo da crítica literária, estes quatro casos constituem a reafirmação concreta do estreito diálogo entre a produção jornalística e a produção ficcional do escritor, campo ainda a exigir mais acurada atenção, na vasta crítica que se dedica a Eça de Queirós.

Abstract

Four texts published by Eça de Queirós in the Brazilian newspaper **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro) have been re-visited and transformed by the author in letters of Fradique Mendes. The present paper intends to examine “Temas para versos I” (**Gazeta de Notícias**, april, 2, 1893) and the “Carta a Manuel”, (**Cartas inéditas de Fradique Mendes**) in order to appreciate aspects of the transformational process undergone by the press article to become a Fradique’s letter and its implications.

Key words: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Textual genesis; Transformational process; Epistolografy.

Referências

- DUARTE, Luís Fagundes. A gênese de um romance adiado. In: **A fábrica dos textos**. Lisboa: Cosmos.
- MINÉ, Elza. **Páginas flutuantes**: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial/Instituto Camões, 2000.
- MINÉ, Elza. Pecados, virtudes e vícios dissolventes do jornalismo. In: **Páginas flutuantes**: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 91-107.
- PIEDADE, Ana Nascimento. **Fradiquismo e modernidade no último Eça 1888-1900**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.
- QUEIRÓS, Eça de. **Obra completa**. Org. geral, introd., fixação dos textos autógrafos e notas introd. de Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SIMÕES, Maria João. Eça e Fradique; as cartas e os seus temas. Coimbra, **Queirosiana**, v. 2, p. 23-24.
- TAVANI, Giusepe. Metodología y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: CEGALLA, Amos (Org.). **Littératures latino-américaine et des Caraïbes du XX^{ème} siècle**: théorie et pratique de l’édition critique. [S.l.]: Collection Archives, Bulzoni Edit., 1988.
- QUEIRÓS, Eça de. **Textos de Imprensa IV** (da **Gazeta de Notícias**). Edição crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002, 687p.